O ESPAÇO CELEBRATIVO SEGUNDO A IMAGEM DA IGREJA

Marco Antonio Morais Lima*

RESUMO

Numa feliz metonímia, a Igreja deu ao edifício que a abriga o seu próprio nome, porque quis fazer dele a sua imagem. O lugar do culto cristão é, pois, não somente um abrigo, mas lugar onde os cristãos contemplam o mistério de seu Senhor, o Cristo e, ao mesmo tempo se contemplam. Eis por que o edifício eclesial é uma mistagogia edificada. O arquiteto de igrejas deve, pois, estar consciente disso ao projetá-las.

PALAVRAS CHAVES: arquitetura; imagem; mistagogia; mistério; símbolo.

ABSTRACT

In a happy metonymy, the Church gave its own name to its building because it wanted to make this place according to its likeness. The place of the Christian's worship place is not only a shelter, but the place where Christians contemplate the mystery of their Lord, the Christ, and simultaneously contemplate themselves. That is why ecclesiastical building is a build mystagogy. The church architect must be conscious of this when projecting it.

KEY-WORDS: architecture; image; mystagogy; mystery; symbol.

Introdução

Desde que a Igreja conquistou liberdade de culto, mais precisamente em 313 com o Edito de Milão sob o império de Constantino, ela procurou imprimir na arquitetura do edifício que a abrigava a sua imagem. Segundo o papa Leão Magno, o que era visível no Cristo terrestre, depois de sua morte, ressurreição e ascensão aos céus, passou a ser visível nos sacramentos. Ora a Igreja é sacramento do Cristo, pois ela é seu Corpo, o seu mistério é o mistério de Cristo, assim sendo, a imagem que ela imprime em sua arquitetura é o seu mistério que, por sua vez, é atualização do mistério de Cristo, o mistério pascal. Podemos, portanto, dizer que a arquitetura litúrgica cristã é uma arquitetura pascal.

A arquitetura litúrgica procurou, portanto, obedecer a um plano mistagógico que ajudasse os fiéis a contemplar seu mistério nas paredes que os abrigava. Nós podemos ver isso na bela homilia de Eusébio de Cesareia por ocasião da inauguração da catedral de Tiro em, provavelmente, 316¹, também na Mistagogia de Máximo Confessor sobre o templo² e em outros escritos da tradição cristã.

Entretanto, advirta-se que a Igreja não são as paredes, mas sim os cristãos que, como pedras vivas, são edificados em casa espiritual, cuja pedra angular é o próprio Cristo Jesus (cf. 2Pd2,4-7). O templo que Deus habita é o Verbo encarnado que, destruído, foi reerguido em

* Professor de Liturgia no Departamento de Teologia da FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte.

¹ EUSÈBE DE CÉSARÉE. *Histoire Ecclésiastique*. Paris: Cerf, 1958, p.81. (Source Chrétienne 55).

² S. MAXIMUS. *Mystagogia*. pp. 657-718. (Patrologia Graeca 91).

três dias (cf. Jo 2,19); é em Jesus de Nazaré que aprovou habitar toda a plenitude da divindade (cf. Cl 1,19). O Espírito do ressuscitado está em sua Igreja, por isso São Paulo chama a comunidade dos fiéis de Templo de Deus (cf. Rm 8,11; 1Cor 3,16-17; 2Cor 6,16; Ef 2,22).

No seguimento dos escritores neotestamentários, os Padres pré-nicenos faziam questão de expor sua teologia a respeito do templo. Orígenes, por exemplo, escreve:

Depois disso, Kelsos declara que nós evitamos edificar altares, estátuas e templos; porque ele crê que seja a palavra de ordem que convém a nossa associação secreta e misteriosa. Isto é ignorar que para nós o coração de cada justo forma o altar de onde sobem em verdade e espírito perfumes de suave odor e as orações de uma consciência pura. Também está escrito no Apocalipse: 'os perfumes são as orações dos fiéis' (Ap 5,8); e nos Salmos: 'Que minha oração suba a vós como incenso' (Sl 140,2)³.

Outro exemplo que ainda merece ser citado é o apologeta do fim do séc. II e início do III, Minúcio Félix:

Vós acreditais que, por não termos nem templo nem altar, nós temos o objeto de nosso culto escondido. Qual simulacro podeis imaginar em honra a Deus se, refletindo bem, o próprio homem é uma imagem dele? Qual templo podeis construir-lhe, se todo o universo, que ele criou, não pode contê-lo? Quando eu, um homem, poderia encerrar dentro de uma edícula tão poderosa majestade? Não é melhor dedicar-lhe um santuário em nossa alma, e mesmo consagrar sua presença em nosso coração?⁴

A Igreja é casa da Assembleia

Segundo o que se pode verificar nos evangelhos e nos outros escritos neotestamentários, os primeiros cristãos não tinham um lugar fixo para a celebração de seu culto. Eles se reuniam nas casas residenciais para a celebração da Eucaristia (cf. At 2,46; 20,7-8); mais tarde, com o crescimento do número de convertidos, a reunião cristã ganhou um lugar fixo, a *domus ecclesiae*, a mais famosa é aquela cujas ruínas foram encontradas em Dura-Europos, na Síria⁵. Nesta construção do séc. III chamam a atenção as três salas maiores, provavelmente uma para a instrução dos catecúmenos, outra para a sinaxe eucarística e, certamente, uma terceira para o batismo. Nesta última foram encontrados frescos e grafites com motivos batismais⁶, o que revela a grande importância que os cristãos antigos davam à

³ ORIGINES. *Contre Celse*. Paris, Cerf, [sd.]. p. 35. [VIII,17]. (Source Chrétienne 2520.

⁴ MINUCIUS FELIX. *Octavius*. Paris: Les Belles Lettres, 1964. pp. 54-55. [32,1-3].

⁵ Cf. HOPKINS, Clark. *The discovery of dura-europos*, New Haven and London, Yale University Press, 1979.

⁶ Ibidem, pp. 106-117.

iniciação cristã. A construção ou adaptação do espaço celebrativo de então tinha como critério primeiro a Assembleia dos fiéis e a iniciação cristã dos catecúmenos.

De fato, não se construíam casas para Deus, pois ainda era forte a consciência de que o templo que Deus quer habitar é o coração de cada fiel e a assembleia reunida. Deus está neste ou naquele lugar, porque ali estão os seus filhos e filhas. Ainda ecoava nos ouvidos das almas cristãs a conversa de Jesus com a Samaritana:

Acredita-me, ó mulher, vem a hora em que não é nem sobre esta montanha, nem em Jerusalém que adorareis o Pai... Mas vem a hora – e já é chegada – na qual os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; tais são, com efeito, os adoradores que o Pai procura (Jo 4,22-23).

Além disso, Deus não habita casas feitas por mãos humanas, consciência já existente no AT (cf. 1Rs 8,27) e que permaneceu no NT (cf. At 17,24). Assim sendo, o lugar de culto é, antes de tudo, o lugar de reunião dos fiéis, de encontro de irmãos que, juntos, querem prestar culto ao seu Deus.

Entretanto, perguntemo-nos: o que é uma assembleia? Não pensemos em apenas um grupo mais ou menos numeroso, mas sim em um corpo – e corpo de Cristo evidentemente. A metáfora do corpo é muito cara ao Apóstolo Paulo, o termo *soma* (corpo) aparece mais de cinquenta vezes nos escritos a ele atribuídos. E como ele entende esse termo corpo? Pode tanto significar o corpo no sentido físico como no sentido mais profundo de corporificação das relações sociais do indivíduo⁷. É esta segunda concepção que é mais comum no pensamento do Apóstolo, quando ele usa tanto a expressão “corpo em Cristo” quanto “corpo de Cristo”. Não podemos deixar de notar que o Apóstolo usa as expressões “Corpo de Cristo” e “Sangue de Cristo” para designar o sacramento da Eucaristia (1Cor 10,14-22), e aqui o faz para falar da comunhão dos fiéis com o Cristo na participação num mesmo pão e num mesmo cálice, e essa comunhão com o Cristo é também a comunhão dos fiéis entre si. Contudo, nas mais das vezes usa a categoria “Corpo de Cristo” para designar a comunidade dos fiéis e suas relações, tanto as sociais, dos fiéis entre si, quanto a mística, de todos com o Cristo⁸. Em 1Cor 12,12-31, Paulo usa a categoria “Corpo de Cristo” também para falar da diversidade dos dons carismáticos, mas que estão todos ordenados para a edificação de todo o Corpo, isto é, da Igreja.

A assembleia, portanto, entendida como corpo, é composta de diferentes membros, e é aqui um critério que qualquer construtor de igreja jamais pode esquecer. Ao projetar o

⁷ DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*, São Paulo: Paulus, 2003. pp. 85-93.

⁸ 1Cor 12,27; Ef 1,22; 4,1-16; 5,23; Cl 1,18 etc.

interior do lugar de culto, o arquiteto há de saber que a assembleia é presidida por um ministro ordenado que sugere aos fiéis uma presença viva do Cristo⁹, cabeça da Igreja, por isso o lugar que ele ocupa deve ser tal que o torne visível e audível a toda por assembleia. O bispo tem em sua Igreja o múnus de governar, santificar e ensinar, em menor grau, também o têm os presbíteros párocos e vigários, portanto a arquitetura deve ser pensada para a comunicação eficiente¹⁰. O Concílio Vaticano II recomenda vivamente a ativa participação dos fiéis¹¹ e o Missal Romano orienta para a visibilidade e audibilidade das ações sagradas¹². A cadeira presidencial – cátedra nas igrejas catedrais – deve ser planejada de modo que fique visível por toda a assembleia e não escondida detrás do altar. Seria louvável que o presidente proferisse a homilia sentado em sua cadeira¹³, repetindo, assim, aquele gesto de Jesus na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,20), para tanto a cadeira presidencial deve ser visível por toda a assembleia. Aqui poderíamos questionar se, mesmo com a importância simbólica, evocativa do proferir a homilia da cadeira presidencial, esta prática seria viável hoje. Na Paróquia São Francisco Xavier de Belo Horizonte confiada aos Padres Jesuítas, essa é a prática comum, porém o interior das dez igrejas que compõem a Paróquia é organizado de modo a possibilitar esse modo de proferir a homilia. Além disso, lembremos que a homilia não é uma conferência que dure muito tempo, mas apenas dez a quinze minutos em média, por isso não fica cansativa. Também devemos levar em consideração que o que torna uma homilia cansativa não é tanto o fato de o presidente proferi-la sentado ou de pé, mas sim a sua capacidade de comunicação. Reconhecemos, por um outro lado, que a organização interna de muitas igrejas dificulta ao presidente proferir a homilia sentado. Aqui apenas queremos deixar essa sugestão aos que forem construir ou reformar uma igreja e queiram destacar a importância simbólica e evocativa do proferir a homilia da cadeira presidencial.

A assembleia, corpo de Cristo, tem ainda muitos outros membros; destes, alguns desempenham alguma função específica durante o culto. Normalmente os ministros que têm essas funções sentam-se no presbitério ladeando o presidente¹⁴; ao pensar as dimensões do presbitério deve-se, pois, levar esse fator em consideração além da mobilidade. Recomendaríamos fortemente que o arquiteto de igrejas lesse a Instrução Geral sobre o Missal Romano, a Constituição sobre a Liturgia do Concílio Vaticano II e, na medida do possível,

⁹ *Instrução Geral sobre o Missal Romano* (IGMR) 60. Pode-se consultar a seguinte referência: ALDAZÁBAL, J. *Instrução geral sobre o missal romano*. São Paulo: Paulinas, [sd.].

¹⁰ IGMR 271.

¹¹ COMPÊNDIO do Vaticano II. *Sacrosanctum Concilium*. Petrópolis: Vozes, 1991. n. 14;19.

¹² IGMR 12.

¹³ IGMR 97.

¹⁴ IGMR 65-68.

buscasse conhecer a história, a teologia e a espiritualidade da liturgia; assim, de fato, responderia melhor ao que lhe fora encomendado.

Imprescindível é a atenção ao projetar o lugar da assembleia. Hoje os elementos cósmicos já dizem pouco às mentalidades modernas, dizer Oriente ou Ocidente já não constitui um símbolo tão eloquente, por isso já não é tão fácil orientar a posição do corpo tanto do presidente quanto dos fiéis para este ou aquele ponto cardinal, assim sendo, preferimos escolher os próprios membros da assembleia como símbolo do Cristo: é do irmão e da irmã que o Cristo vem (cf. Mt 25,40); na assembleia litúrgica é o outro, o nosso irmão e a nossa irmã em Cristo, o nosso Oriente. Nesta perspectiva, que seja o lugar da assembleia pensado de forma que as pessoas vejam não somente os ministros, mas também possam se ver.

As qualificações identificadoras do espaço litúrgico

As qualificações identificadoras¹⁵ do lugar de culto são o altar, o ambão e o batistério, porque são esses os elementos que identificam o interior do espaço litúrgico como lugar de culto cristão, pelo menos nas Igrejas Católicas, Orientais e Anglicanas¹⁶. Aqui nos detemos somente no espaço do culto cristão católico, por julgar que seja de nossa competência e, neste caso, essas qualificações identificadoras têm um fim não somente prático, o que chamaremos de “função”, mas também mistagógico, o que chamaremos de “estrutura” teológica. São, também por isso, elementos ou lugares anamnéticos e epicléticos.

A primeira qualificação identificadora do espaço sagrado é o altar, porque é o lugar de amemore do sacrifício de Jesus, o lugar central da celebração eucarística e esta, por sua vez, é central na liturgia¹⁷. Por motivos históricos, o altar perdeu sua centralidade geográfica – o que simbolizava a centralidade litúrgica – deslocando-se para os fundos da igreja, no arco absidal. Isso porque o que orientava a localização do edifício eclesial era o “lugar de onde nasce o Sol”, e este é um elemento cósmico que simboliza o Cristo (cf. Lc 1,78; Mt 3,20)¹⁸. Sacerdote, demais ministros e povo, todos ficavam voltados para o Oriente na hora da anáfora

¹⁵ Esta expressão é de autoria de VALENCIANO, C. “Architettura Liturgica”, em CHUPUNGCO, Anscar J. (dir.). *Scientia Liturgica. Manuale di Liturgia V: tempo e spazio liturgico*. Casale Monferrato: Piemme, 2000. p. 423.

¹⁶ As Igrejas pós Reforma Luterana põem sua identificação espacial no Ambão, porque o culto se dá todo em torno da Escritura em seguimento da máxima de Martinho Lutero: *Sola fides, sola gratia, sola Scriptura*.

¹⁷ Cf. COMPÊNDIO do Vaticano II. *Sacrosanctum Concilium, op. cit.* n.10; cf. IGMR 259; SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. “Instrução Eucharisticum mysterium 24”, em *Acta Apostolicae Sedis* 59, 1967, p. 554.

¹⁸ Esse, aliás, é também o que orienta a Liturgia das Horas.

eucarística; o altar era como a ponta de uma lança. Hoje, porém, ele deve ocupar um lugar central, ou seja, “ocupe um lugar que seja de fato o centro para onde espontaneamente se volte a atenção de toda a assembleia dos fiéis¹⁹”.

Entretanto, o altar é lugar anamnético do sacrifício redentor de Cristo. Do altar, a assembleia reapresenta ao Pai o que Jesus fizera naquela tarde da sexta-feira santa, e o faz comemorando sua morte e ressurreição. Por ser lugar de comemoração, o altar é também um monumento. Sim! O altar cristão é monumento pascal²⁰! A função de um monumento é trazer um evento à memória de um povo; o altar traz, pois, à memória da assembleia litúrgica o evento pascal. A função do altar é, portanto, a de comemorar a Páscoa de Cristo, ou seja, de celebrar a Eucaristia, em consequência não é lugar de onde se proclamam as leituras ou o que quer que seja. Para a celebração da Eucaristia, entretanto, são necessários pães e vinho, por isso o altar é o suporte para o prato com esses pães e um cálice com o vinho e, para o cumprimento do ritual, o missal; evidentemente, também uma toalha, corporal, sanguinho e pala. É preferível que o altar suporte apenas esses elementos; as velas, a cruz e as flores, deveriam ficar ao lado, contudo a Liturgia Romana admite esses elementos sobre ele²¹. Esses elementos são importantes para evidenciar o caráter festivo e alegre da comemoração, pois não se trata de uma memória fúnebre, mas sim salvífica.

Numa feliz ambigüidade, o altar cristão não é somente lugar anamnético do sacrifício da cruz, mas é também mesa da ceia cristã. É o lugar do qual os cristãos se aproximam para tomar o alimento que sustenta para a vida eterna (cf. Jo 6,54) e assim sendo, o altar remete também a memória cristã ao último jantar de Jesus com seus discípulos no Cenáculo. O altar, pois, poderia também assumir a forma de uma mesa; porém, pelo fato de se tratar de uma ceia sacrificial, ele deveria assumir a forma de altar de sacrifício. Aliás, a história das religiões nos ensina que o altar de sacrifício é sempre de pedra. Além disso, pelo fato de ser monumento, ele deveria ser fixo e de material sólido, pois assim se constrói um monumento. Embora a Liturgia Romana admita altar móvel e de outro material nobre, na Instrução Geral Sobre o Missal Romano, o fixo tem preferência²². Ainda aqui é bom lembrar que o altar é símbolo do Cristo, desde antiquíssima tradição²³, pois o Cristo é a pedra fundamental (cf. 1Cor 3,11; Ef

¹⁹ IGMR 262; cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. “Instrução Inter Oecumenici 91”, em *Acta Apostolicae Sedis* 56 (1964) p. 898.

²⁰ FIGUEIREDO DE MORAES, F. *O espaço do culto à imagem da Igreja*, São Paulo: Loyola, 2009. p. 168.

²¹ IGMR 268-270.

²² IGMR 259-267.

²³ Cf. AMBROSIO DE MILÃO. “De sacramentis 4,7” em *Explicação do símbolo. Sobre os sacramentos. Sobre os mistérios. Sobre a penitência*. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística 5).

2,20), aquela que os pedreiros rejeitaram e se tornou pedra angular (cf. Sl 118,22; Mt 21,42; Lc 20,17; At 4,11; 1Pd 2,7).

O altar, enfim, por ser lugar central do culto cristão, onde os fiéis em Cristo celebram o sacramento do sacrifício da cruz, é também lugar do exercício do sacerdócio cristão²⁴. Como nos lembra o quinto prefácio para a Páscoa, na cruz Jesus se revela, ao mesmo tempo, sacerdote, altar e cordeiro e o único sentido de os cristãos oferecerem a Deus o sacrifício de Jesus, que é único e irrepetível, é o de oferecerem a si mesmos ao Pai em união com o Cristo. No altar, que simboliza o Cristo, portanto, os fiéis se oferecem a si mesmos, por isso são em Cristo também sacerdotes e vítimas. Isso significa, entretanto, que o altar é o lugar da celebração soteriológica por excelência, e essa salvação é universal, o que nos leva a preferir a forma cúbica ou o mais próximo disso, porque aponta para os quatro ventos da terra, o que, por sua vez, ajuda a indicar essa universalidade da salvação em Cristo²⁵.

O segundo monumento pascal ou qualidade identificante no interior de uma igreja é o ambão. Em muitas igrejas paleocristãs, esse monumento ficava no meio da nave central, em uma construção arquitetônica monumental, uma espécie de tribuna elevada e cercada por uma mureta, com a cátedra do bispo ladeada com bancos para os presbíteros e demais ministros e uma estante de onde se proclamavam as leituras: tratava-se do *bema*, algo já em uso nas sinagogas dos judeus. Sobretudo na Síria, a missa dos catecúmenos, isto é, a Liturgia da Palavra, inclusive a bênção e despedida dos catecúmenos, era toda realizada no *bema*. Depois de o presidente abençoar e despedir os catecúmenos e os penitentes excluídos da comunhão eucarística, ele com os ministros ordenados dirigiam-se do *bema* para a abside da igreja, onde ficava o altar velado por um pesado cortinado e, então, dava-se início à anáfora eucarística. O lugar da liturgia da Palavra, o *bema*, portanto, ligava-se ao lugar da Liturgia eucarística por uma espécie de passarela que simbolizava o caminho que conduz ao céu. Toda essa organização arquitetônica tinha, de fato, uma simbologia que estava a serviço da mistagogia²⁶.

O cristão antigo contemplava, portanto, o seu mistério e o de sua Igreja também na arquitetura. Devido à sua proximidade com a teologia e a espiritualidade do Antigo Testamento, sobretudo com relação à ordem sinagoga, ele se compreendia como um membro do “Povo de Deus” reunido em torno da Palavra; a grande importância que se dava ao *bema*,

²⁴ Cf. FIGUEIREDO DE MORAES, F. *op. cit.*, pp.161-165.

²⁵ Muito mais se poderia dizer sobre o altar, mas, devido à brevidade do presente artigo, remetemos o leitor à já citada obra de Francisco Figueiredo de Moraes.

²⁶ Quem se interessar por detalhes dessa simbologia poderá consultar as seguintes obras: RAES, A. “La liturgie eucharistique en Orient. Son cadre architectural”, em *La Maison-Dieu* 70, 1962, pp. 49-66; COQUIN, R.-G. “Le ‘bîma’ des églises syriennes”, em *Orient Syrien* 10,1965, pp. 443-474; JANERAS, V. “Vestiges du bêmâ syrien dans des traditions liturgiques autres que la syrienne”, em *Orient Syrien* 8, 1963, pp. 121-129.

onde se realizava a Liturgia da Palavra, no-lo confirma. Além disso, segundo Sarhad Jammo, a realização da primeira parte da celebração eucarística no *bema* exprime, em um modo sensível, uma ideia teológica: a distinção entre sacerdócio hierárquico e sacerdócio do Povo de Deus não é postulada pela primeira parte da missa, que tem como centro a Palavra de Deus à qual todos são igualmente submissos²⁷. Nesta Liturgia da Palavra, o bispo ou outro sacerdote não exerce suas funções propriamente sacerdotais, mas ele se apresenta à comunidade como um presidente (*Rabba*) da assembleia e é como tal que se senta no meio de seu povo, para com ele se instruir e nutrir-se da palavra vivificante de Deus²⁸.

Nas igrejas ocidentais, entretanto, o uso litúrgico do *bema* era diferente. Ainda hoje podemos visitar as igrejas paleocristãs de Santa Sabina e Santa Maria in Cosmedin, ambas em Roma, que trazem esse elemento bem no seu centro, mas aí não se realizava a Liturgia da Palavra, era o lugar dos cantores. A Liturgia da Palavra, ao que tudo indica, era realizada no presbitério, onde ficava a cátedra episcopal²⁹.

Como quer que seja, tanto no Ocidente quanto no Oriente, o lugar da liturgia da Palavra tinha grande importância. Por razões históricas, entretanto, o povo perdeu o acesso à liturgia, que passou a ser toda realizada no altar e, desse modo, o ambão perdeu seu significado e, portanto, também seu destaque. Com o surgimento das Ordens Mendicantes, criaram-se os púlpitos de onde alguns ministros instruíam o povo, enquanto um sacerdote celebrava a missa no altar: esses púlpitos não eram um ambão propriamente dito, mas sim o lugar de “catequese” do povo, que já estava entregue às práticas devocionais durante a missa.

O Movimento Litúrgico com a conseqüente reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, porém, recuperou a importância da Liturgia da Palavra. O ambão recupera seu status de monumento pascal. Por tão grande importância e pelo fato de ser monumento, também o ambão deveria ser fixo e de material sólido, de preferência seja de pedra, e não uma simples estante móvel³⁰. A sua estrutura teológica nos ensina que o ambão é o lugar da proclamação da Páscoa por excelência, é daí que se canta o *Exultet* na noite do Sábado Santo e é ao seu lado que permanece o círio pascal durante todo o Tempo Pascal. O ambão nos remete, por isso, ao sepulcro vazio de onde as piedosas mulheres recebem o anúncio da ressurreição de Cristo (cf. Mt 28,1-7; Mc 16,1-8; Lc 24,1-10).

²⁷ JAMMO, S. Y. H. *La structure de la messe chaldéenne du début jusqu'à l'anaphore*. Etude historique. Roma: Pontificium Institutum Orientalium, 1979, p.81. (Orientalia Christiana Analecta 207).

²⁸ Idem.

²⁹ BOULET, N. M.-D. “La leçon des églises de l'antiquité”, em *La Maison-Dieu* 63, 1960, p. 33.

³⁰ IGMR 272.

O ambão não necessariamente deve sempre ser fixado no presbitério; ele pode ocupar um lugar na nave central. Neste caso, porém, ele deve ser fixado sobre um elevado, porque é lugar da proclamação da Palavra de Deus e ela vem do alto. Esta, aliás, é a função do ambão: lugar de proclamação das leituras bíblicas. Eventualmente também a homilia e a oração universal dos fiéis podem ser feitas a partir dele³¹. Para tanto, o ambão é o suporte do lecionário e do evangeliário e nada mais. Convém ainda que o ambão seja único, porque única é a Palavra de Deus. De fato, os textos bíblicos são diversos: há textos do Antigo Testamento e do Novo Testamento; há textos em prosa e em versos; diversos são os estilos literários que se encontram na Bíblia; mas a Palavra de Deus, aquela que Ele empenha em favor de seu povo, é única; ela se manifesta nesses diferentes textos, mas é sempre a mesma Palavra anunciada no Antigo Testamento e cumprida no Verbo encarnado. Esta veneração, portanto, para com a Palavra de Deus exige que não se façam comentários, cânticos ou avisos do ambão³²; deve-se para isso prever uma estante, mas que não seja uma duplicata do ambão, pois seria um absurdo equiparar as duas coisas.

Lembremos ainda que a estrutura teológica do ambão, ou seja, o fato de ser monumento pascal possibilita que ele seja iconizado com um anjo (cf. Mt 28,1-7 e paralelos) ou mesmo os quatro evangelhos em forma de animais: Mateus – homem ; Marcos – leão; Lucas – touro; João – águia (cf. Ap 4,6^b-7), ainda que não seja essa a intenção do autor do livro do Apocalipse³³. E, finalmente, por ser lugar da proclamação da Palavra de Deus, o ambão é também monumento da profecia cristã³⁴. Sim! Pelo batismo, cada cristão é em Cristo sacerdote, profeta e rei e é no ambão, principalmente, que ele exerce o seu ser profeta.

A terceira qualificação identificante do espaço litúrgico é a fonte batismal. Na antiguidade cristã se dava grande importância aos sacramentos da iniciação cristã e essa importância se refletia na construção da igreja. Aliás, mesmo antes da liberdade de culto concedida aos cristãos, isso já era uma realidade; vejam-se, por exemplo, as ruínas da *domus ecclesiae* de Dura-Europos³⁵. Era, então, via de regra, uma sala separada da igreja, porque prevalecia a visão do batismo como sacramento da purificação antes de entrar na Igreja. Com o advento do gótico, quando havia séculos os ritos de iniciação cristã já haviam caído em desuso, o batistério migrou para dentro da igreja. Neste caso, a fonte, que então se tornara

³¹ Idem.

³² IGMR 272.

³³ Ap 4,7, nota “p” da TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. São Paulo: Loyola, 1994.

³⁴ Cf. FIGUEIREDO DE MORAES, F. *op. cit.*, pp. 129-147.

³⁵ HOPKINS, Clark. *op. cit.* pp. 106-17.

uma simples pia, ficava numa capela na entrada da igreja; aqui o batismo era visto como o sacramento de entrada da pessoa na Igreja.

A Reforma Litúrgica depois do Concílio Vaticano II recuperou a centralidade do mistério pascal na vida da Igreja, sobretudo na liturgia. Assim sendo, a fonte batismal deslocou-se para o presbitério, conjugando-se com o altar e o ambão, os três monumentos pascais. Infelizmente vê-se em muitas igrejas uma tímida bacia onde tão importante sacramento da Igreja³⁶ é ministrado. Ora se também a fonte batismal é monumento, ela deveria ser fixa e de material sólido e de preferência seja de pedra. A fonte batismal construída em pedra evoca aquela fonte de água viva, na qual se torna aquele que crê em Cristo (cf. Jo 4,14; 7,38^b-39) e que fora prefigurada na pedra que Moisés tocou com seu cajado e dela água brotou (Nm 20,8; 1Cor 10,4). É louvável que a fonte batismal esteja jorrando água durante qualquer outra celebração litúrgica além do batismo, e que seja dali que o ministro retire a água para a aspersão da assembleia nas missas do tempo pascal e em outras ocasiões que o exigir. Isso ajudaria a conectar o batismo com toda a vida dos cristãos e da Igreja.

A função da fonte batismal é o banho sacramental, a passagem do catecúmeno pelas águas, onde, ao ser submerso, ele morre com o Cristo e, ao emergir, ele ressuscita com o Cristo (cf. Rm 6,3-5). Desde muito cedo, duas formas de batismo foram admitidas: por imersão ou por ablução³⁷. A primeira, sem dúvida, respeita mais a estrutura do símbolo; por isso a fonte batismal deve ser projetada de modo a possibilitar a imersão.

A estrutura teológica da fonte batismal remete a assembleia ao calvário e, ao mesmo tempo, ao sepulcro vazio. Remete ao calvário, porque foi ali que Cristo morreu e, além disso, do seu lado aberto saiu sangue e água (Jo 19,34); remete ao sepulcro vazio, porque foi ali que Jesus ressuscitou dos mortos. Enfim, toda a teologia do batismo deveria ser visível na arquitetura da fonte batismal. Essa teologia batismal nos diz que no batismo recebemos o Espírito Santo, por isso, ao projetar a fonte, o arquiteto tenha em mente que ela deve estar num lugar onde haja luz. De fato, a tradição patrística chamou o batismo de iluminação, o batistério de iluminador e o batizando de iluminando. Contudo, ao contrário do altar que, por ser lugar epiclético, recebeu um zimbório iconizado com uma pomba, o batistério fica descoberto.

³⁶ Para Santo Ambrósio, o batismo era o sacramento pascal por excelência, cf. AMBROSIO DE MILÃO. “Sobre os sacramentos 1,4,12”, em *op. cit.*, p. 34.

³⁷ Didaché [7,3]. Veja mais em: DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 15 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

A fonte batismal é, por fim, o lugar da realeza cristã³⁸, segundo Francisco F. de Moraes, e o é porque é no batismo que o cristão é ungido, como eram os reis de Israel. O rito batismal do Jordão, batismo com água ministrado por João, foi uma profecia do batismo com o Espírito Santo ministrado por Jesus, o que tem sua plenitude com sua páscoa³⁹. O óleo do crisma é memória do dom do Espírito Santo e esse mesmo autor escreve: “A unção está estreitamente ligada ao rito da água, portanto à fonte batismal. A fonte batismal é destinada a ser, para a comunidade, monumento, sobretudo, da realeza cristã, memória da dignidade dos servidores do Reino de Deus, que advém do batismo com a unção, dom do Espírito”⁴⁰.

Em conclusão: os três monumentos pascais ou qualificações identificantes do espaço litúrgico deveriam estar a serviço da mistagogia. Para tanto, se faz necessário respeitar tanto sua função quanto sua estrutura teológica quer na construção quer no momento das mais diferentes ações litúrgicas. Hoje se prefere projetar a fonte batismal no interior da igreja e isso é louvável, porque a conexão desses três monumentos é de grande valor mistagógico, sobretudo porque ela expõe a íntima conexão entre fé anunciada (ambão), fé acolhida (batismo) e fé celebrada (altar); isso ajuda o cristão a tomar consciência de que, em Cristo, ele é sacerdote, profeta e rei.

Os outros elementos da arquitetura litúrgica

Outros elementos importantes da arquitetura litúrgica são o teto, o piso, as paredes, os vitrais e o exterior da igreja. O teto da igreja não tem somente a função de cobrir o edifício e proteger os fiéis do sol e da chuva, mas é planejado de modo que nos faça lembrar a nossa morada eterna, a Jerusalém celeste. Em muitas igrejas podemos ver um teto pintado com motivos que nos fazem contemplar o nosso destino último: a glorificação de Maria, a Ascensão de Jesus, a criação do homem e da mulher no Paraíso, anjos, nuvens e outros elementos que lembrem os Céus (metáfora da morada de Deus). Tudo isso tem, pois, uma conotação escatológica, dado essencial da fé cristã. Em outras igrejas, o teto recebe uma estrutura de madeira, chamada caverna, imitando o casco de um navio, para representar a “Barca de Pedro”, uma das imagens da Igreja tão cara à tradição patrística. As formas físicas do teto também nos fazem lembrar que, assim como Maria foi coberta pela Sombra do Espírito Santo e assim gerou o Salvador para a humanidade, também a Igreja é coberta pela

³⁸ Cf. FIGUEIREDO DE MORAES, F. *op. cit.*, p. 159.

³⁹ *Ibidem.*

⁴⁰ *Idem.*

Sombra do Espírito Santo na sua peregrinação terrestre e sua fecundidade vem do Espírito de Deus. O teto com suas cúpulas, formas abobadadas, forma de tendas ou outras, deve nos lembrar que só no Espírito Santo a oração cristã é possível: “Do mesmo modo, também o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza, pois nós não sabemos rezar como convém” (Rm 8,26). Outras igrejas ainda são munidas de clerestório, isto é, um conjunto de janelas entre o teto das naves laterais e o teto da nave central, bem como janelas abertas no tambor da cúpula. Esse elemento arquitetônico tinha por função deixar entrar a luz no interior da igreja e, ao mesmo tempo, simbolizar a ação do Espírito Santo, sem a qual não há oração autenticamente cristã.

O piso das igrejas era projetado de forma que acompanhasse as ações litúrgicas, belo exemplo disso é a catedral de Santa Sofia de Constantinopla, hoje a grande mesquita de Istambul⁴¹. As paredes eram revestidas por mosaicos ou frescos com motivos bíblicos ou cenas da vida dos santos. O exterior das igrejas, por sua vez, era sempre um diálogo com a arquitetura do entorno e da época e, aqui, é bom lembrar que a Igreja jamais impôs um estilo arquitetônico. Hoje, no diálogo com a arquitetura tradicional e contemporânea, o construtor há de conhecer os documentos da Igreja, pois não se trata de uma visibilidade de ostentação de poder temporal, interesses políticos ou algo deste gênero, mas antes de um testemunho sempre renovado de fé:

A igreja tem seu lado exterior tanto mais autêntico quanto mais ele traduz o seu interior. Sempre em simbiose com a sua metonímia figurativa; digamos icasticamente com os instrumentos fornecidos pelo Vaticano II, de modo que a *Sacrosanctum Concilium* se conjugue no exterior com a *Gaudium et Spes*, com relação ao Mundo, assim como conjuga no interior com a *Dei Verbum* e com a *Lumen Gentium*, com o estatuto sacramental da Igreja⁴².

Todos esses elementos que acabamos de descrever, ainda que muito brevemente, são indispensáveis no conhecimento do arquiteto de igrejas, não para repeti-los, mas para saber dialogar com a tradição arquitetônica da Igreja e, assim, saber que o edifício eclesial não é um abrigo qualquer, que não basta ser bonito, mas deve dizer alguma coisa aos fiéis, e essa alguma coisa tem um nome: mistagogia. O arquiteto de igrejas há de ter um olho na tradição e outro na modernidade; há de saber que o edifício que ele projetará deve expressar o seu significado para toda a sociedade, sem luxo, sem suntuosidade, mas com bela simplicidade, esse edifício é a casa da Igreja da qual ele é também a imagem. A beleza que a Igreja tem primeiro em si mesma (cf. Ap 19,7-8; 21,2) e que tem seu máximo esplendor na caridade se

⁴¹ KRAUTHEIMER, R. *Early christian and byzantine architecture*. London / New Haven: Yale University Press, 1986. pp.205-236.

⁴² VALENCIANO, C. “Architettura liturgica” em *op. cit.*, p. 434.

reflete na arquitetura de seus edifícios; a arte mais perfeita da Igreja é o amor e isso se reflete na arte arquitetônica, icônica e litúrgica. Tudo na construção do espaço do culto deve ter um fim mistagógico, ou seja, levar os fiéis a contemplarem sua origem, seu presente e seu destino último, o Amor. Não basta, pois, ser belo, deve dizer algo do mistério da Igreja e da sua verdade.

As salas auxiliares

De grande utilidade são as salas contíguas à igreja como a capela da custódia eucarística, a capela da reconciliação e a sacristia. Na medida do possível, o Sacrário deveria ficar em uma sala separada, a capela do Santíssimo ou da custódia eucarística, onde as pessoas pudessem fazer suas orações e os ministros extraordinários da Eucaristia pudessem tirar a comunhão para levar aos enfermos. Isso ajudaria também a evitar determinadas devoções na hora da missa: é muito comum vermos pessoas receberem a comunhão e se ajoelharem diante do sacrário vazio, quando as Hóstias consagradas estão sobre o altar ou nas mãos dos ministros que estão distribuindo a Eucaristia; nós não adoramos o sacrário, mas sim o Cristo que está presente na Eucaristia.

A capela da reconciliação é a nova concepção da dimensão penitencial que ocorria no antigo nártex. Os confessionários tradicionais surgiram com a idade barroca e foram colocados ao longo da nave. Mas atualmente a tendência é projetar uma sala autônoma, porém, contígua ao edifício eclesial. Trata-se da “capela da reconciliação”. Esta nos parece mais respeitosa com o penitente: a sala deve traduzir acolhimento e discrição. É, pois, uma sala para o atendimento da confissão auricular, onde o penitente se sinta à vontade e com privacidade para realizar sua confissão. O ambiente deve ser decorado de modo a levar o penitente a colocar seu ato mais sobre a bondade de Deus, que não quer a morte do pecador, mas que ele volte e tenha vida, do que sobre os seus próprios pecados.

A sacristia não faz parte do espaço sagrado propriamente dito; ela é apenas lugar de funcionalidade. Por isso deve ser projetada de forma a facilitar o bom andamento do culto. A sacristia seja provida de armários para guardar todo o material necessário para a Liturgia: vasos sagrados, hóstias, vinho, água potável, santos óleos, velas, sanguinhos, corporais, palas, vestes litúrgicas, livros litúrgicos, livros e folhetos de cantos, uma pia, etc. Tudo isso deve ser mantido com a ordem e a higiene requeridas pela dignidade de nossas celebrações. A sacristia não é um depósito qualquer, mas é a ante-sala do espaço sagrado, por isso a sua beleza deve ser uma extensão da beleza da igreja.

A escolha dos materiais de construção

De imprescindível importância é saber dialogar com a tecnologia sem, contudo, perder a responsabilidade com a criação. A Igreja busca a beleza da arte, materiais industrializados nem sempre expõem a arte humana que é um reflexo da arte divina, por isso a escolha deve ser cautelosa. A praticidade é necessária, mas não pode de forma alguma esconder o bom gosto e, menos ainda, distorcer o símbolo. Os materiais naturais são mais verdadeiros, mas é preciso saber sua origem e modo de extração; ecologia não é apenas uma ideologia moderna, mas é um sério esforço humano para conservar a obra das mãos de Deus que ele entregou às mãos humanas (cf. Gn 2,15). Em sua mistagogia, o edifício eclesial deve levar os fiéis a contemplar o mistério da criação vinda à existência em Cristo e regenerada em sua Páscoa. Isso ajudará os fiéis a criar uma consciência ecológica não de modo puramente modernista ou utilitário, mas martirial, testemunhando a ação da Sabedoria na natureza.

Conclusão

A Igreja se diz para si mesma e se diz para o mundo, ela é a imagem do mundo regenerado na Páscoa do Senhor. Ela se espelha no edifício que a abriga, sua imagem, portanto, imagem do cosmo organizado em Cristo e reorganizado em sua ressurreição. Ela é espaço de encontro com Deus porque é encontro entre irmãos unidos num só corpo e num só espírito. O Edifício eclesial é metáfora da consciência que a Igreja tem de si e, por ser lugar mistagógico, é consciência para si. Em sua casa a Igreja se reconhece, contempla seu mistério que não é outro que o mistério de Cristo. É lugar anamnético, onde passado, presente e futuro se encontram. Lugar onde os batizados realizam sua profecia, seu sacerdócio e sua realeza. Lugar onde os fiéis se nutrem para peregrinar e testemunhar a misericórdia do Pai. Enfim, lugar de onde irradia a fé, a esperança e a caridade.

Referências

ALDAZÁBAL, J. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, [sd.].

AMBROSIO DE MILÃO. “De sacramentis 4,7”, em *Explicação do símbolo. Sobre os sacramentos. Sobre os mistérios. Sobre a penitência*. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística 5).

BOULET, N. M.-D. “La leçon des églises de l’antiquité”, em *La Maison-Dieu* 63, 1960, pp. 24-40.

- COMPÊNDIO do Vaticano II. *Sacrosanctum Concilium*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- COQUIN, R.-G. “Le ‘bîma’ des églises syriennes”, em *Orient Syrien* 10, 1965, pp. 443-474.
- DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 15 ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003. pp. 85-93.
- EUSÈBE DE CÉSARÉE. *Histoire ecclésiastique*. Paris: Cerf, 1958. (Source Chrétienne 55).
- FIGUEIREDO DE MORAES, F. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.
- HOPKINS, Clark. *The discovery of dura-europos*. New Haven and London: Yale University Press, 1979.
- JAMMO, S. Y. H. *La structure de la messe chaldéenne du début jusqu’à l’anaphore*. Etude historique. Roma: Pontificium Institutum Orientalium, 1979. (Orientalia Christiana Analecta 207).
- JANERAS, V. “Vestiges du bêmâ syrien dans des traditions liturgiques autres que la syrienne”, em *Orient Syrien* 8, 1963, pp. 121-129.
- KRAUTHEIMER, R. *Early christian and byzantine architecture*. London / New Haven: Yale University Press, 1986. pp.205-236.
- MINUCIUS FELIX. *Octavius*. Paris: Les Belles Lettres, 1964. pp. 54-55 [32,1-3].
- ORIGINES. *Contre Celse*. Paris: Cerf, [sd.]. p. 35. [VIII,17]. (Source Chrétienne 252).
- RAES, A. “La liturgie eucharistique en Orient. Son cadre architectural”, em *La Maison-Dieu* 70, 1962, pp. 49-66.
- S. MAXIMUS. *Mystagogia*. pp. 657-718. (Patrologia Graeca 91).
- SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. “Instrução Eucharisticum mysterium 24”, em *Acta Apostolicae Sedis* 59, 1967, p. 554.
- _____. “Instrução Inter Oecumenici 91”, em *Acta Apostolicae Sedis* 56, 1964, p. 898.
- TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. São Paulo: Loyola, 1994.
- VALENCIANO, C. “Architettura Liturgica”, em CHUPUNGCO, Anscar J. (dir.). *Scientia Liturgica. Manuale di Liturgia V: Tempo e Spazio Liturgico*. Casale Monferrato: Piemme, 2000.

Bibliografia para aprofundamento

AUGE, Matias. "O lugar da celebração", em *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1996. pp. 82-93.

BUYST, Ione. "O local da celebração", em *Revista de Liturgia* 72, 1985, pp. 5-13.

CORBON, J. "O espaço sacramental da celebração", em *Liturgia de fonte*. São Paulo: Paulinas, 1981. pp.143-148.

COSTA, Valeriano. "O espaço em sua sacralidade pascal", em *Revista de Cultura Teológica* 14/54, 2006, pp. 49-62.

CRONIN, Daniel P. "O espaço celebrativo", em CELAM, *Manual de Liturgia II: a celebração do Mistério Pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 329-379.

FIGUEIREDO DE MORAES, Francisco. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

FRADE, Gabriel. *Arquitetura sagrada no Brasil*. Sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2007.

HARTIMANN, A. *O espaço da festa, espaço de Deus: celebração eucarística*. São Paulo: Paulinas, 1987.

JOUNEL, P. "Lugares da celebração", em TRIACCA, A. M. & SARTORE, D., *Dicionário de Liturgia*. São Paulo/Lisboa: Paulinas/Paulistas, 1992. pp.287-296.

LUTZ, Gregório. "Teologia do Templo", em *Liturgia ontem e hoje*. São Paulo: Paulus, 1995. pp.45-58.

MACHADO, R. C. A. "O simbólico no projeto de uma igreja: catedral de São Mateus, ES", em *Revista de Liturgia* 102, 1990, pp. 190-191.

_____. *Espaço da Celebração: mesa, ambão e outras peças*. São Paulo: Paulinas, 2001. (Rede Celebra 4).

_____. *Local da celebração: arquitetura e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2001.

MARTIMORT, A. G-. "Os lugares sagrados", em *A Igreja em oração I*, [sd.], pp. 177-185.

MARTÍN, J. L. "O lugar da celebração", em *No Espírito e na verdade* 2, 1997, pp. 238-266.

PASTRO, Cláudio. "As coisas novas têm raízes antigas", em: *Revista de Liturgia* 72, 1985, pp. 14-22.

_____. *A arte no cristianismo. Fundamentos. Linguagem. Espaço*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *A arte sacra; o espaço sagrado*. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. *Arte sacra*. São Paulo, Paulinas: 2001.

_____. *Guia do espaço sagrado*. São Paulo: Loyola, 1999.

PORTO DE MENEZES, Ivo. *Arquitetura sagrada*. São Paulo: Loyola, 2006.

Revista de Liturgia 39, 1980 [Liturgia e arte].

Revista de Liturgia 40, 1980 [O espaço de celebração].

Revista de Liturgia 72, 1985 [O lugar da celebração].

Revista de Liturgia 75, 1986 [A casa da Igreja: espaço interno].

WILMSEN, Klaus. "O ambão - Monumentum Paschale - Algumas considerações a respeito do espaço litúrgico atual", em: *Liturgia, um direito do povo*, Petrópolis: Vozes, 2001. pp. 198-215.

Artigo recebido em 31.08.2010

Artigo aprovado em 11.10.2010